



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

## UMA VELHA AFEIÇÃO DE FAMÍLIA

*DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE JOAO CAFE FILHO DURANTE O BANQUETE QUE LHE FOI OFERECIDO PELO GENERAL CRAVEIRO LOPES, NO PALACIO DA AJUDA, A 23 DE ABRIL DE 1955.*

Senhor Presidente:

Os sentimentos de fraternidade que assinalam este encontro valem como expressivo sintoma das diretrizes atualmente seguidas pelos nossos dois países no sentido de uma aproximação cada vez mais íntima.

Através do tempo e do espaço, tudo conduz Portugal e o Brasil a uma vida em comum. Nem mesmo as contingências geográficas podem ser alegadas como fator de isolamento. O mar, que foi no passado o caminho da descoberta do meu país pelos filhos desta terra, deve ser encarado, hoje mais do que nunca, como um traço de união, a ser utilizado, em proporções crescentes, na obra de intercâmbio dos interesses recíprocos. Longe de ser um elemento de separação, o Atlântico avulta como um símbolo de ligação e uma tradição de identidade, no destino das duas nações irmãs.

Não são apenas os vínculos da história, da raça e da cultura que fazem de portugueses e brasileiros os membros de uma comunidade internacional. Também a geografia nos une, no abraço das águas e nos laços de comunicação que os modernos recursos da técnica e da ciência dia a dia ampliam.

No mundo de hoje, não há mais lugar para o isolamento das nações e dos continentes. Os acontecimentos internacionais tornam-se cada vez mais comuns a todos os povos, no encadeamento de suas repercussões mútuas.

Não obstante o pacifismo de sua política externa e a distância de sua posição territorial em face do Velho Mundo, o Brasil já se viu na contingência de participar

de duas guerras de origem européia. Só esta circunstância seria suficiente para demonstrar o entrelaçamento e a interdependência de interesses e sistemas, na esfera das modernas relações internacionais.

No que toca a Portugal e ao Brasil, não ocorrem apenas os efeitos desse fenômeno geral. O que nos liga, antes de tudo, é uma velha afeição de família, que devemos cultivar com renovado fervor.

Não foi sem motivo que à frente do movimento da independência brasileira assomou a figura de um herói português, identificado com os sentimentos da nacionalidade que então nascia, como o fruto maduro de um anseio irresistível. Já naquele tempo D. Pedro I sentia que a melhor maneira de resguardar a amizade entre as duas pátrias estava na emancipação do Brasil. Eis por que ele não vacilou em assumir, do alto do próprio trono que ocupava, o histórico papel de instrumento realizador das aspirações nacionais dos brasileiros.

Essa generosa compreensão é uma característica dos filhos de Portugal para com seus irmãos do Brasil.

Ainda agora a minha presença aqui não é senão a retribuição da visita feita ao meu país pelo Presidente português, Antônio José de Almeida, que, num gesto altamente cativante e significativo, atravessou o mar para tomar parte nas comemorações do centenário da nossa independência.

Tal episódio, que o Brasil recorda sempre com orgulho cívico, teve o mérito de mostrar que se em 1822 nos separamos politicamente foi para que os sentimentos de fraternidade, de parte a parte, adquirissem a pureza e a força de uma vocação espontânea e natural.

Duas nações que dêste modo se entendem e assim convivem, com tanta nobreza de atitudes, devem possuir uma têmpera especial que as torna aptas para marcharem

juntas, sem quaisquer melindres nem desconfianças, na realização do mesmo esforço, em que os seus destinos mutuamente se completem.

O atual Tratado de Amizade e Consulta traduz bem o desejo dos dois países de unirem cada vez mais os seus interesses, através de um roteiro comum. A necessidade dêsse convívio harmônico, em cujo sistema as soberanias se mantêm invioláveis, se torna tanto mais sensível quanto vivemos numa época dominada pelo entrechoque de doutrinas, algumas das quais estranhas à formação luso-brasileira e até hostis à sobrevivência dos valores básicos da civilização ocidental.

Num mundo assim agitado por forças contraditórias, Portugal e o Brasil associam as suas vontades num pacto destinado a garantir-lhes uma posição de segurança e estabilidade, em meio das subversões da hora presente. Cento e trinta anos de emancipação política não desfizeram, antes consolidaram, o tecido que liga o Brasil às suas raízes portuguesas.

A comunidade intercontinental, que abrange os povos luso-brasileiros, é um fato natural, decorrente do espírito de expansão dos filhos desta terra e do sentimento de fidelidade dos meus compatriotas às suas origens.

O Brasil só tem motivos para orgulhar-se de sua filiação histórica a um povo de tão gloriosas tradições, Senhor Presidente. Temos nítida consciência de tudo aquilo que devemos a Portugal, desde a descoberta do nosso país e sua incorporação ao mundo civilizado, até os esforços e lutas da formação nacional.

Isto não é senão um pormenor, em comparação a uma dívida bem mais ampla, que é a dívida do próprio gênero humano para com este país. Durante todo um ciclo da história universal, Portugal foi uma nação de pioneiros. Aquêlê movimento de expansão com que no Brasil se celebrizaram os paulistas, os portugueses realizaram por tôda a face da terra, como bandeirantes do mundo.

Ajudaram a conquistar para a civilização nada menos de três partes do globo. O brilhante período de expansão comercial e marítima de Portugal é um dos capítulos mais empolgantes das crônicas humanas. Para nós, brasileiros, recordar aquela época equivale sempre a recompor o quadro dos tempos heróicos que correspondem à gênese e à infância da nacionalidade.

Em Portugal, o sentido de grandeza sempre se mediou pelo espírito universal de seus filhos. Os habitantes deste país constituem um dos povos mais internacionais do mundo. Estão presentes em toda parte, com a contribuição do seu esforço e da sua bondade. Não se contendo nos limites geográficos do território natal, eles partem em todas as direções a fundar novas pátrias.

Outrora, estes ímpetos de expansão e conquista se manifestavam nas expedições dos navegantes e descobridores. Hoje se fazem sentir na irradiação das correntes imigratórias, que sugerem uma modalidade de imperialismo fraternal e pacífico, a vencer pelas armas do coração e do trabalho. Nunca é demais salientar o traço de generosidade dos portugueses, a realizar em todos os continentes uma obra civilizadora que, na prática, tem sido muito mais útil e benéfica aos outros do que a si mesmos.

A comunidade luso-brasileira é hoje um exemplo oferecido ao mundo. Numa fase de tão incertas perspectivas, a obra de integração espiritual de nossos dois países constituiu um ato de sabedoria e prudência.

A preocupação manifestada recentemente pelo Brasil, quando sobre territórios portugueses pairaram ameaças intranquilizadoras não foi senão o espontâneo cumprimento do dever de fraternidade que não deve prevalecer apenas nos momentos de regozijo, mas igualmente nas horas difíceis.

Devemo-nos congratular mutuamente, Senhor Presidente, pela alta compreensão com que Portugal e o Brasil procuram associar os seus interesses e os seus destinos.

O gesto do Presidente do Brasil, aceitando o honroso convite para esta visita, e a atitude de Vossa Excelência, proporcionando esta acolhida desvanecedora e inesquecível, significam o firme propósito de intensificar a aproximação entre as nossas pátrias. Ao mesmo tempo que manifesto a minha gratidão pela generosidade das homenagens dirigidas por meu intermédio ao Governo e ao povo brasileiros, faço votos para que a amizade entre os dois países continue dia a dia mais próspera e fecunda.

Quero consignar os meus sinceros desejos pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e de sua Excelentíssima Espôsa, bem como pelo crescente progresso da nação portuguesa. Nesta oportunidade, é um agradável imperativo testemunhar o meu aprêço ao Excelentíssimo Senhor Oliveira Salazar, a quem tanto devem as boas relações entre Portugal e o Brasil. Seja-me permitido igualmente lembrar os esforços que tem desenvolvido pelo nosso entendimento recíproco o Senhor Ministro Paulo Cunha, a quem estão entregues os negócios estrangeiros de Portugal e cuja visita ao meu país marcou uma das fases mais proveitosas dessa integração harmônica que estamos empenhados em aprofundar e fortalecer, para maior felicidade de nossas duas pátrias.

Erguendo a minha taça em honra de Vossa Excelência e do nobre povo português, Senhor Presidente, rendo-lhes neste instante, em meu nome e no do Brasil, as homenagens do mais alto e fraternal aprêço.